

**ARTE E TRANSGRESSÃO: A CENA FINAL DE *THE AWAKENING*, DE KATE CHOPIN E A “VÊNUS”, DE BOTTICELLI**

Art and transgression: the final scene of *The Awakening*, by Kate Chopin and Botticelli's Venus

**Rosemary Elza Finatti**

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”/Campus de Araraquara (UNESP)  
rosemary.elza@unesp.br

**RESUMO**

Busca-se, no presente artigo, tecer um diálogo entre o desfecho de *The Awakening*, de Kate Chopin e a pintura “O nascimento de Vênus”, de Sandro Botticelli, articulando, por sua vez, a imagem de Afrodite à subversão da heroína, que se constrói sob o signo da deusa no romance. A partir do mergulho no mar de Grand Isle, Edna Pontellier renasce para uma vida de autorrealização, rompendo as barreiras impostas pela cultura patriarcal. Desse modo, o desenlace da obra figura como a consagração mítica de Edna, que retorna para as águas de Afrodite. Sob esse viés, serão analisadas a figuratividade entre o texto literário e a pintura, a linguagem artística e as imagens poéticas impressas na cena final, bem como as nuances de plasticidade da tessitura narrativa, cujos matizes evocam o nascimento da deusa chopiniana. Para tanto, as análises serão norteadas pelos postulados de Kandinsky (2000), Gilbert (1983), Paz (2012), Thamos (2014), Vernant (2000), entre outros autores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afrodite; *The Awakening*; Literatura feminina; O nascimento de Vênus.

**ABSTRACT**

This article seeks to establish a dialogue between the ending of *The Awakening*, by Kate Chopin and the painting “The Birth of Venus”, by Sandro Botticelli, articulating, in turn, the image of Aphrodite to the subversion of the heroine, who builds herself under the sign of the goddess in the novel. From the dive in the sea of Grand Isle, Edna Pontellier is reborn to a life of self-realization, breaking the barriers imposed by the patriarchal culture. In this way, the denouement of the work appears as the mythical consecration of Edna, who returns to the waters of Aphrodite. From this point of view, we will analyze the figurativity between the literary text and the painting, the artistic language and the poetic images printed in the final scene, as well as the nuances of plasticity of the narrative texture, whose shades evoke the birth of the Chopinian goddess. To this end, the analyses will be guided by the postulates of Kandinsky (2000), Gilbert (1983), Paz (2012), Thamos (2014), Vernant (2000), among other authors.

**KEYWORDS:** Aphrodite; *The Awakening*; Women's literature; The birth of Venus.

**Introdução**

Kate Chopin (1850-1904) figura entre os representantes da estética realista estadunidense e se consagrou como uma das precursoras da segunda onda do movimento feminista americano. Com uma ficção de crítica social, sobretudo em relação à condição feminina regida pelo patriarcado, a escrita chopiniana é marcadamente subversiva e inovadora, tanto em relação às abordagens temáticas consideradas tabus para a época que privilegiou em suas obras, quanto pela construção de uma linguagem artística colorida de elementos poéticos e imagens simbólicas.

A obra-prima *The Awakening* (1899) foi um divisor de águas na arte literária da autora, cuja recepção da crítica e dos leitores a condenou ao esquecimento por mais de vinte anos, graças ao viés transgressor que, logo após a publicação, provocou a retirada da obra de algumas livrarias de Saint Louis, a cidade natal de Chopin. Ao retratar a história de libertação das amarras patriarcais por meio

de uma heroína que abandona o marido e os filhos para viver de sua própria arte, a escritora pagou um preço alto pela ousadia de romper com as convenções literárias do século XIX e, desde a publicação do romance, teve seus livros rejeitados pelas editoras, acarretando, por sua vez, o fim de sua carreira literária.

Para além de questionar os papéis sociais da mulher na sociedade *fin de siècle*, Chopin traz à baila em sua obra-prima temas como a infidelidade e a emancipação feminina e, ainda, com o desenlace em aberto, deixa ao leitor decifrar o desfecho enigmático como um possível suicídio da protagonista, como é visto por grande parte da crítica que atribui tal final do romance como consequência das atitudes transgressoras da personagem. No entanto, a teórica Sandra Gilbert no ensaio “The Second Coming of Aphrodite” (1983) articula a presença da deusa Afrodite como representação do poder soberano feminino que rege os caminhos subversivos da heroína, considerando, assim, o último mergulho de Edna Pontellier como o retorno da deusa ao seu berço original. Este trabalho se alinha a essa premissa e, sob essa perspectiva, se busca tecer um diálogo imagético entre o desfecho de *The Awakening* e a pintura “O nascimento de Vênus” (1483), de Sandro Botticelli. À vista disso, as evocações de Afrodite se revelam na obra por meio de imagens poéticas e elementos simbólicos que delineiam a plasticidade da narrativa, evidenciando, assim, a linguagem artística da autora que se configura como crítica aos preceitos vigentes da cultura patriarcal.

### O despertar mítico nas águas de Afrodite

No capítulo X do romance, Edna mergulha pela primeira vez no mar do Golfo do México, onde passa as férias de verão com o marido e os filhos. O nado inaugural é regido por uma aura mística, em uma noite iluminada pelo brilho da lua. Após enfrentar o medo de nadar,

naquela noite ela era como uma criança vacilante, cambaleante, agarrando-se a tudo ao seu redor, que de repente percebe seu poder e anda pela primeira vez sozinha, audaciosamente e com confiança em demasia. [...].

Um sentimento de exultação a tomou, como se um poder de grande importância lhe tivesse sido dado para controlar o funcionamento de seu corpo e sua alma. Ela tornou-se ousada e descuidada, superestimando sua força. Queria nadar para longe, para onde nenhuma mulher havia nadado antes (CHOPIN, 2002, p. 54).

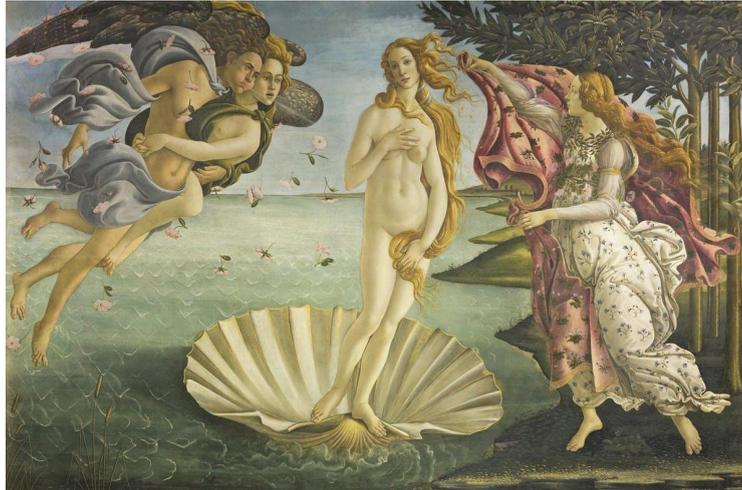
A imagem da epifania da heroína no banho noturno é construída através de um campo semântico que revela poder, ousadia, força e autoconfiança que ela experimenta pela primeira vez, sensações que a despertam para, metaforicamente, enveredar por caminhos que nenhuma mulher havia percorrido, evocando a imagem do poder feminino de Afrodite que nasce no mar. A partir do primeiro mergulho nas águas originais da deusa, Edna passa a viver conforme suas próprias regras em busca de autonomia e autorrealização, transgredindo, por sua vez, os papéis sociais de mãe e esposa. Considerando a simbologia da água como um elemento que “comporta sempre uma regeneração: por um lado, porque a dissolução é seguida de um ‘novo nascimento’; por outro lado, porque a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida” (ELIADE, 1990, p. 65, grifos do autor), o nado epifânico “emerge Edna em um outro elemento [...], em cujo abraço baptismal ela é misticamente e miticamente revitalizada, renovada, renascida”<sup>1</sup> (GILBERT, 1983, p. 52, tradução nossa).

É interessante observar que a presença de Afrodite na obra é construída no subtexto do enredo, por meio de imagens como as constantes evocações do mar que convidam a heroína a mergulhar em sua subjetividade, visto que “ela começou a fazer o que queria e a sentir o que

<sup>1</sup> No original: *that swimming immerses Edna in another element [...], in whose baptismal embrace she is mystically and mythically revitalized.*

queria” (CHOPIN, 2002, p. 106), cujas atitudes se mostravam chocantes para o seu marido, que “podia ver perfeitamente que Edna não era mais ela mesma. Isto é, ele podia ver que ela estava tornando-se ela mesma e deixando de lado o “eu” fictício que assumimos como uma roupa com a qual aparecer diante do mundo” (CHOPIN, 2002, p. 107). Sob essa perspectiva, Afrodite se revela como símbolo de desarticulação da ideologia patriarcal, como a deusa que não aceita nenhuma forma de dominação, cuja imagem mítica permeia as instâncias narrativas de uma forma enigmática, sobretudo porque a obra de arte carrega sempre uma mensagem, mas esta não é construída de forma trivial, prosaica, elementar; há um arranjo preciso e invulgar dos elementos que a compõem, de modo a torná-la uma expressão única e duradoura (THAMOS, 2014, p. 160).

**Figura 1** – “O nascimento de Vênus” (1484-1485), de Sandro Botticelli<sup>2</sup>



Fonte: Galleria degli Uffizi, Roma, 2021.

Isto posto, Edna é inspirada a pintar quadros sob o poder feminino subversivo da deusa que rege o seu caminho de emancipação. Nesse interim, as figurações da arte se expressam no romance sob uma perspectiva de transgressão, pois é através da pintura que a protagonista encontra a liberdade de viver para si mesma e, no desenlace, a presença de Afrodite dialoga artisticamente com “O nascimento da Vênus”, de Sandro Botticelli (Cf. figura 1), compondo, assim, a imagem mítica que desarticula os preceitos patriarcais, visto que “Afrodite/Vênus torna-se um símbolo radiante da libertação erótica que as mulheres da virada do século começaram a se permitir desejar”<sup>3</sup> (GILBERT, 1983, p. 62, tradução nossa)

Consoante Bertrand (2003, p. 154), “ao lermos um texto literário, entramos imediatamente na figuratividade [...]. Uma imagem do mundo se delineia, instalando tempo, espaço, objetos, valores”. Nesse prisma,

ela ouvia novamente o murmúrio da água [...]. Ela via o brilho da lua sobre a baía e sentia a úmida, tempestuosa rajada do vento sul. Um fluxo sutil de desejo passou pelo seu corpo, despertando seu controle dos pincéis e fazendo seus olhos incendiarem-se (CHOPIN, 2002, p. 108).

Após abandonar o marido, Edna se sente livre para se aventurar com o amante e mudar para uma casa pequena para viver da venda de seus quadros. Dessa forma, a protagonista rompe os preceitos patriarcais ao buscar a autoafirmação, a liberdade e o prazer, cuja figuração da deusa revela que “Afrodite parece ser aqui uma invocação coerente, pois talvez não haja, nos reinos da

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.uffizi.it/en/artworks/birth-of-venus>. Acesso em: 16 jul. 2022.

<sup>3</sup> No original: *Aphrodite/Venus becomes a radiant symbol of the erotic liberation that turn-of-the-century women had begun to allow themselves to desire.*

ficção, outra entidade tão bem construída quanto essa que possa metaforizar de modo adequado a mulher emancipada” (ROSSI, 2011, p. 339). Com efeito, os epítetos relacionados à divindade mostram que

Vênus ou Afrodite é conhecida como a deusa da beleza e do amor. Na mitologia é a filha de Urano (Céu). Há duas versões sobre o nascimento biológico desta deusa. Na versão de Homero, Afrodite nasce de modo convencional, como sendo filha de Zeus e Dione, ninfa do mar. Já na versão de Hesíodo, ela nasce em consequência de um ato bárbaro. Cronos cortou os órgãos de seu pai Urano e os atirou no mar. Uma espuma branca surgiu em torno deles e misturando-se ao mar, gerou Afrodite. A interpretação de Hesíodo ilumina o mito de Afrodite com símbolos de sensualidade (SILVEIRA, 2008, p. 5).

No último capítulo do romance, há uma alusão direta à Afrodite/Vênus no momento em que o personagem Victor Lebrun descreve a beleza radiante da heroína na sua festa de aniversário de vinte e nove anos e a compara à deusa, que oferece um banquete aos convidados adornado de luxo e brilho:

Vênus surgindo da espuma não poderia ter apresentado um espetáculo mais extasiante que a Sra. Pontellier, cintilando com beleza e diamantes na cabeceira da mesa, enquanto as outras mulheres eram todas jovens huris, possuidoras de incomparáveis encantos (CHOPIN, 2002, p. 207).

O jantar simbólico representa a libertação de Edna do casamento e das obrigações que a maternidade lhe impõe por ser mulher, visto que ela comemora também a mudança para a casa em que decidiu se tornar independente, vivendo de sua própria arte. Nesse viés, a festa figura como “o seu próprio clímax hedonístico” (GIL, 2015, p. 96, tradução nossa), visto que “ela decidira nunca novamente pertencer a alguém além de si mesma” (CHOPIN, 2002, p. 149).

### **A construção imagética do desfecho**

No último capítulo da obra, Edna Pontellier entra nua no mar de Grand Isle para não mais voltar. A cena emblemática é vista por parte de muitos críticos como o suicídio da protagonista, por não conseguir se enquadrar aos moldes femininos construídos pela cultura do século XIX. No entanto, a leitura proposta neste trabalho considera que a descrição da cena carrega a simbologia da imagem da deusa nua nascida da espuma, cuja evocação simbólica remete ao quadro “O nascimento da Vênus”, de Sandro Botticelli (1445 – 1510). A pintura

comissionada por Lorenzo de Médici, foi uma obra revolucionária na época, a primeira pintura renascentista com um tema exclusivamente secular e mitológico. Ela retrata Vênus, nascida da espuma, flutuando em direção à praia numa concha, com a figura do deus Zéfiro carregando a ninfa Clóris enquanto sopra o vento para guiar Vênus e, na praia, Pomona, a deusa da Primavera, recebendo Vênus com um manto nas mãos (RENAUX, 2017, p. 81).

Considerando que “a palavra poética é plenamente o que é – ritmo, cor, significado – e, ainda assim, é outra coisa: imagem” (PAZ, 1982, p. 27), a cena em que Edna se despe de suas roupas e, metaforicamente, das convenções sociais para mergulhar em sua subjetividade é presentificada como o seu renascimento: “que estranho e horrível parecia ficar nua debaixo do céu! Que delicioso! Ela se sentiu como uma criatura recém-nascida, abrindo seus olhos num mundo familiar que nunca conhecera” (CHOPIN, 2002, p. 211).

Assim, a tessitura narrativa é marcada pela poeticidade e pela personificação do mar como

um convite da divindade feminina em que “a água do Golfo se estendia diante dela, brilhando com os milhares raios de sol. A voz do mar é sedutora, nunca cessa, sussurrando, clamando, murmurando, convidando o espírito a vagar nos abismos de solidão” (CHOPIN, 2002, p. 210). É interessante observar a combinação simbólica da cena em que a protagonista se integra à natureza como a Vênus retratada pelo pintor italiano, visto que, assim como o cenário marinho da tela, é primavera em Grand Isle e, como as flores e o movimento do vento nas ondas e nas folhas representados na obra de arte, carrega a simbologia de renovação e de transformação e, semelhante à deusa da pintura, a heroína está nua “numa relação de amor com o sol e o mar, os elementos primordiais; depois de experimentar quão delicioso é ficar nua sob o céu, ela se deixa abraçar pela água”<sup>4</sup> (GIORCELLI, 1988, p. 125, tradução nossa). No que tange à obra de arte de Botticelli,

Vênus, em seu conjunto, nos passa de imediato uma sensação de total equilíbrio em sua composição, como se o artista se realizasse ao se aproximar de Deus dominando o todo universal. Nesse sentido, ele extrapola o senso do comum e cria imagens etéreas que nos remetem, quando da contemplação, a uma extenuante busca da verdade ali contida (DOMINGUES NETO, 1997, p. 45).

No romance, a figuração imagética evoca uma ressurreição feminina pagã (cf. GILBERT, 1983, p. 57), que delinea o último mergulho de Edna como o retorno para o lugar que a desperta para se tornar livre e ultrapassar as imposições patriarcais. Assim,

ela continuou e continuou. Ela lembrou-se da noite em que nadou para longe da praia e lembrou-se do terror que se apoderou dela com medo de não ser capaz de retornar à praia. Ela não olhou para trás, agora, mas continuou e continuou, pensando nos pastos azulados de capim-do-campo que ela atravessava quando criança, acreditando que não tinha início nem fim (CHOPIN, 2002, p. 211).

As lembranças da infância na descrição do narrador aludem ao renascimento da heroína nas águas de Afrodite, que faz o movimento contrário ao da deusa retratada na tela de Botticelli. Logo, as ondas do mar que a envolvem representam a fonte de origem de Afrodite que evidencia “um processo semelhante ao de uma Vênus inversa emergindo do mar, Edna se funde com o elemento feminino”<sup>5</sup> (MARTIN, 1988, p. 27-28, tradução nossa)

É interessante frisar a circularidade simbólica do mar na trama textual que permite tecer comparações entre Edna e Afrodite/Vênus, visto que

nos remete ao início da narrativa, quando a protagonista surge do mar, à semelhança daquela deusa. Ao trazer para o final da narrativa a mesma imagem com que se inicia o romance, a narrativa ganha um caráter cíclico, mostrando que o espaço das águas, de onde surge a protagonista em dois momentos significativos da trama, no início e no fim do romance, é um espaço de destaque, de onde tudo brota e para onde tudo converge. Ainda, o trecho da comparação reforça a ideia de nascimento, que já está expressa no início do romance quando o narrador apresenta a protagonista vinda do mar, como se ela acabasse de ser gerada pela espuma que surge quando as águas tocam violentamente a praia (MANGUEIRA, 2012, p. 180).

Sob esse viés, a deusa chopiniana como representação de Afrodite imprime a plasticidade da cena, passível de ser interpretada pela combinação de signos verbais através de signos pictóricos, como uma metamorfose do romance que se configura como um quadro (cf. THAMOS, 2012, p. 15)

<sup>4</sup> No original: “Edna enters a love relationship with the sun and the sea, the primal elemental factors; after experiencing how delicious it feels to stand naked under the sky, she lets herself be embraced by the water”.

<sup>5</sup> No original: “in a process not unlike that of a reverse Venus emerging from the sea, Edna merges with the [...] female element”.

pintado por palavras pela autora. Nesse aspecto,

a representação na pintura corresponde ao pensamento na poesia. [...]. Os aspectos fundamentais das experiências em leituras de poesia e da apreciação de pinturas, esses aspectos, dos quais dependem o valor de ambos, são semelhantes (RICHARDS, 1967, p. 132-133).

As últimas palavras do narrador expressam a consagração de Edna como a deusa do amor e da beleza rumo ao elemento de origem de seu despertar metafórico como uma mulher que busca transcender as limitações femininas impostas pelo ideário patriarcal, contrapondo-se ao pressuposto suicídio por afogamento, pois “na verdade, não ‘vemos’ Edna se afogar, mas sim cercada e banhada em símbolos de fertilidade e imortalidade (o mar, o sol, as abelhas)”<sup>6</sup> (GIORCELLI, 1988, p. 109, tradução nossa, grifos da autora). O mergulho mítico comporta, por assim dizer, a liberdade de corpo e alma da heroína, como pode ser observado no excerto a seguir:

seus braços e pernas estavam ficando cansados. Ela pensou em Léonce e nas crianças. Eles eram como parte dela. Mas era inútil que eles pensassem que podiam possuí-la, corpo e alma. [...]. A exaustão estava impondo-se sobre ela e dominando-a [...]. Ela olhou para a distância e o velho terror inflamou-a por um instante, depois afundou novamente. [...]. Havia o zunido de abelhas e o almiscarado cheiro dos cravos enchia o ar (CHOPIN, 2002, p. 211-212).

Desse modo, é importante frisar que no desenlace a protagonista ainda está em movimento e a cena final “revela uma Edna finalmente ‘livre’ e nua ao sol da primavera de Grand Isle, prestes a nadar de volta ao seu elemento e completar seu renascimento triunfante como a deusa do amor”<sup>7</sup> (FOATA, 1994, p. 28, tradução nossa, grifos da autora). Considerando a tessitura da linguagem artística de Chopin e a imagem que se configura no desfecho,

o discurso poético está muito próximo do pictórico. Na busca de expressão para determinado tema, o poeta, bem como o pintor, constrói um texto em que a primazia da figura é bastante evidente, o que põe em relevo seu desejo de concretude, sua necessidade de procurar dar contorno, plasticidade, palpabilidade a sua criação (THAMOS, 2003, p. 107-108).

À vista disso, os aspectos simbólicos que relacionam de uma forma imagética a obra de arte e o texto literário ressaltam que

entre *O Nascimento da Vênus*, de Botticelli, e *O despertar* não há apenas um simples diálogo em que a pintura complementa o texto escrito e vice-versa. Existe algo mais na relação entre estas duas obras-primas. Existe uma simbiose grande demais entre elas, pois mesmo na pintura de Botticelli, tão distante temporal e espacialmente da narrativa de Chopin, há um retorno pressuposto, um rastro deixado à revelia do pintor: Afrodite nasceu na pintura (ROSSI, 2010, p. 211).

À luz de tais pressupostos, a obra-prima de Kate Chopin comunga símbolos e imagens poéticas, bem como a plasticidade da cena final para moldar o renascimento mítico da heroína que abraça o mar para se consagrar como a deusa na qual ela se transforma, ao percorrer a trajetória de emancipação frente às imposições do casamento, da maternidade e das convenções sociais, como

<sup>6</sup> No original: *we do not actually ‘see’ Edna drown but see her instead surrounded by and bathed in symbols of fertility and immortality (the sea, the sun, bees).*

<sup>7</sup> No original: *Finds Edna ‘free’ at last and naked in the sun of the Grand Isle spring, about to swim back into her element and complete her rebirth as the triumphant goddess of love.*

representação de Afrodite para evocar a deidade da Teogonia que não pode ser dominada por homens e por deuses. Assim, o enveredar mítico da narrativa mostra a subversão à revelia de toda e qualquer dominação patriarcal.

### Considerações finais

A partir das abordagens propostas, buscou-se analisar o desfecho do romance por meio da figuração de Vênus, visto que a paleta verbal chopiniana permite delinear possíveis comparações imagéticas entre a arte literária e a pintura de Botticelli, cujo simbolismo engendra, por sua vez, o poder feminino que desarticula a soberania masculina da cultura *fin de siècle*. E, ao contrário de uma morte trágica da heroína, as imagens míticas que permeiam as instâncias narrativas regem o caminho de libertação da heroína como a deusa que retorna para as águas de Afrodite. Nesse sentido, a leitura da cena final sob essa perspectiva revela o teor crítico e inovador da obra-prima de Kate Chopin, que apesar da rejeição e da incompreensão do público da época, consagrou a autora como precursora da literatura feminista americana.

### Referências

- BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução Grupo Casa. Bauru: Edusc, 2003.
- CHOPIN, Kate. *O despertar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- DOMINGUES NETO, Hilário. Sentido místico na obra de Botticelli. *Revista Brasileira Multidisciplinar*, v. 1, n. 1, p. 35-42, 1997.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- FOATA, Anne. Aphrodite Redux: Edna Pontellier's Dilemma in *The Awakening* by Kate Chopin. *The Southern Quarterly*, v.33, n. 1, p. 27-31, (Fall) 1994.
- GIL, Eulalia Piñero. *The Pleasures of Music: Kate Chopin's Artistic and Sensorial Synesthesia: 83–100*. In: OSTMAN, Heather; O'DONOGHUE, Kate eds. *Kate Chopin in Context: New Approaches*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.
- GILBERT, Sandra. The Second Coming of Aphrodite: Kate Chopin's Fantasy of Desire. *The Kenyon Review – New Series*, Gambier (OH): Kenyon College, v. 5, n. 3, p. 42 – 66, Summer 1983.
- GIORCELLI, Cristina. Edna's Wisdom: A Transitional and Numinous Merging. In: MARTIN, Wendy (ed.). *New Essays on The Awakening*. New York: Cambridge UP, 1988, p. 109-148.
- MANGUEIRA, José Vilian et al. *Representações do sujeito feminino em O despertar e Riacho doce: um estudo comparativo*. Trabalho de Conclusão do Curso de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, 2012.
- MARTIN, Wendy (Ed.). *New Essays on The Awakening*. New York: Cambridge UP, 1988.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 1982.
- RENAUX, Sigrid. O nascimento de Vênus: transposições inter/intramidiáticas para a arte brasileira contemporânea. *Revista Todas as letras*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 78-91, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/jeang/Desktop/10031-Texto%20do%20artigo42103-1-10-20170517.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.
- RICHARDS, I. A. *Princípios de crítica literária*. Porto Alegre: Globo, 1967.
- ROSSI, Aparecido Donizete. *Segredos do sótão: feminismo e escritura na obra de Kate Chopin*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-Ar), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Araraquara, SP. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102372/rossi\\_ad\\_dr\\_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102372/rossi_ad_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 16 abr. 2022.
- ROSSI, Aparecido Donizete. Sob a égide de Afrodite: o espaço feminino em *O despertar*, de Kate Chopin. *Revista de Letras*, São Paulo: UNESP, v. 50, n. 1, p. 199-215, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/3173/2899>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- SILVEIRA, Isabel Orestes. A imagem da mulher na pintura europeia: interface com a mitologia. In: *XI Congresso Internacional da ABRALIC*, São Paulo. 2008.
- THAMOS, Márcio. A palavra artística: um enigma concreto. *Alêre*, v. 10, p. 157-178, 2014.

THAMOS, Márcio. Figuratividade na poesia. *Itinerários*, Araraquara, n. 20 (especial), p. 101-118, 2003.

THAMOS, Márcio. O rapto de Europa: uma comparação entre Ovídio e Ticiano. *Cadernos de Semiótica Aplicada (CASA)*, v. 10, n. 2, p. 1-16, 2012.